



JARDIM DESDE O COMEÇO

IGOR REIS

REALIZAÇÃO:

Lei Paulo Gustavo
Ministério da Cultura
Governo Federal

APOIO:

Prefeitura Municipal
de Nova Lima



EXPOSIÇÃO:

JARDIM DESDE O COMEÇO

IGOR REIS

Parque Natural Municipal
Rego dos Carrapatos

20 de setembro de 2025 a
21 de janeiro de 2026





Apresentação

Este catálogo apresenta as obras da exposição Jardim Desde o Começo, do artista visual Igor Reis, realizada no Parque Natural Municipal Rego dos Carrapatos, em Nova Lima, no período de 21 de setembro de 2025 a 21 de janeiro de 2026.

A exposição foi especialmente concebida para o território do parque e reúne 23 esculturas em cerâmica da série Habitáveis, desenvolvidas como estruturas destinadas à colaboração com abelhas nativas brasileiras e outras formas de vida. Iniciada em 2018, na zona rural de Brumadinho, a pesquisa vem se expandindo progressivamente para outros territórios, atravessando contextos urbanos e rurais.

Instaladas ao longo da paisagem, as obras são pensadas em diálogo com o ambiente natural, considerando suas dinâmicas específicas, temporais e climáticas. Produzidas em alta temperatura, as esculturas configuram-se como dispositivos que articulam arte contemporânea e meio ambiente, estabelecendo relações entre matéria, espaço e vida.

Ao longo do período expositivo, o trabalho se constrói também a partir da presença das abelhas, que ocupam as estruturas conforme seus próprios ritmos. A exposição não se apresenta apenas como um conjunto de objetos escultóricos, mas como um campo de convivência entre diferentes formas de existência, no qual processos naturais e proposições artísticas coexistem.

Realizada em um parque, a mostra amplia o acesso do público a experiências artísticas em contexto ambiental, aproximando práticas contemporâneas de debates atuais sobre território e modos de habitar. A exposição integra visitantes, caminhantes, pesquisadores e comunidades locais, que acompanham as sutis transformações que ocorrem ao longo dos meses.

Jardim Desde o Começo inscreve-se, assim, em um horizonte de produção artística que reconhece o ambiente não como cenário, mas como agente ativo, instaurando em Nova Lima uma experiência que atravessa o tempo, a paisagem e as múltiplas formas de vida que nela se manifestam.



Jardim desde o começo: formas hospitaleiras

Wilson de Avellar¹

A hospitalidade é o 'eis me aqui' (me voici) enviado ao próximo.

Emmanuel Lévinas

Rego dos Carrapatos². Fazer-com. Conta-se que nos dias inverniais, quando o campo parece desistir de si, o apicultor sabe: a colmeia também pensa e às vezes pensa em silêncio. Um jovem pergunta o que fazer quando a colmeia falha, quando o mel não vem, quando o trabalho retorna vazio como um pote de mel limpo e seco. O velho apicultor ri, não de deboche, mas de quem já conversou com a perda. Se algo fracassa, diz ele, algo fica apreendido no corpo. Se nada se colhe, algo se move. O fracasso não fecha a estação, ele muda o ponto de escuta, o ponto de atenção, o ponto do fazer. O velho apicultor aceita a perda como quem muda a posição do corpo no espaço. E já se começa, antes mesmo da mudança de estação, uma próxima florada. O velho apicultor trabalha com o invisível: não cria o mel, cria as condições. E por isso permanece, não confiante, mas na expectativa para o que ainda pode acontecer.

Expectativa aqui não é espera passiva: é gesto transversal - inclinado. É a arte de expectar, manter o corpo aberto ao que não se apresenta ainda. O apicultor torna-se expectador não do espetáculo, mas do possível: aquele que vela variações mínimas,

¹ Wilson de Avellar é criador multimídia. professor, coordenou a Área de Artes Visuais da Escola Livre de Artes Arena da Cultura. Experimenta a escrita leitura como gesto estético e como potência do corpo. Suas performances, instalações, livros-objeto, desenho e outras invenções tratam a palavra-imagem como matéria instável, recusando a linearidade e deslocando a leitura para o campo da experiência corporal e sensorial.

² Área de preservação ambiental localizada na cidade mineira de Nova Lima e constitui refúgio onde se misturam flora e fauna da Mata Atlântica e Cerrado.

que lê o ar, que percebe o quase. Não assiste — acompanha. Não aguarda, prepara. Expectar é sustentar o intervalo sem fechá-lo com garantias. É trabalhar no entre, onde o fracasso deixa de ser fim e passa a ser clima. A criação é sempre um gesto de risco e o risco inclui não ser compreendido, uma opacidade essencial para a vida: relação. Mediação.

Em julho de 2025, na ilha de Marajó, no povoado de nome Melgaço, entrei numa venda para interromper o calor com uma cerveja gelada. Um rapaz se achegou, puxou conversa, e a fala veio como vem abastecer as águas dos rios: sem anúncio e com rumo próprio.

Em certo momento, ele me contou de uma oleira da região, mãos delicadas de ofício, pele já conversada pelo barro. Sentou a massa no centro do giro, ali onde o mundo começa a rodar em torno de um ponto mínimo e iniciou o corpo de um pote de água. O barro subia em espiral, prometendo forma. Mas o vaso, ainda úmido, não obedeceu. Cedeu antes de firmar. Desalinhou-se. Ficou mole de destino, desmilinguido, quase inútil, um gesto interrompido nas próprias mãos de quem o guiava.

A oleira, com seus saberes ancestrais sem nome próprio, não descartou a falha. Recolheu o desfeito como quem recolhe um argumento. Amassou de novo. Tirou pedregulhos pequeníssimos e bolhinhas de ar, devolveu água, reentregou giro. Do que não servia, fez matéria outra vez disponível. E o segundo vaso não era correção do primeiro, era dobras e redobras do primeiro. Veio mais denso, mais justo, mais capaz de sede. Como se o tempo do erro tivesse ensinado ao barro um modo de permanecer sua verdade.

Há ainda um terceiro tempo quando duas histórias deixam de correr paralelas e começam a se infiltrar umas nas outras e no tempo das formas.

Dizem que a oleira marajoara, afeita a refazer formas e a conversar com o que cede, por vezes era surpreendida: alguns de seus potes, deixados a meio abrigo, entre sombra, sol e ar, tornavam-se morada. Abelhas chegavam sem anúncio e ali instalavam comunidade viva. O que fora pensado para conter água passava a conter zumbido, calor, doçura lenta, unami. Nem todo vaso aceita líquido; alguns pedem enxame. Nem toda forma cumpre o destino que a mão projetou. Há recipientes que desviam de função para ganhar vida.

O apicultor trabalha as condições, contingências, necessidades. A oleira também. Nenhum dos dois governa o que virá habitar o que foi feito. Entre barro e voo, aprende-se o mesmo princípio: criar é dispor um campo de possibilidade, fazer-com — e depois esperar. Não como quem aguarda resultado, mas como quem sustenta a abertura do que não se fecha na abertura.

O fracasso do primeiro desenho, o desvio da primeira função, a ocupação imprevista, tudo isso não corrige a obra: desloca seu sentido. O que era utensílio torna-se acontecimento. O que era forma, torna-se abrigo. E o fazer, então, já não busca garantir, busca hospedar. É o que se pode intuir em Jardim desde o Começo, onde o artista Igor Reis se deixa habitar-hospedar por este saber da prática, saber ancestral desconhecido, guardado nas dobras do tempo e de formas da sensibilidade - um fazer que se ensina fazer, se ensina receber, habitar, mas sobretudo ensina hospedar. Acompanhando de perto Derrida e Dufourmantelle (2003, p. 68-69) ...a hospitalidade incondicional é dizer 'sim' a quem chega [...] antes de qualquer identificação. É possível?

Modelar formas hospitaleiras é tornar-se outra coisa que não apicultor, oleira, artista, escritor... outra coisa que está longe de definir os limites e os interstícios da subjetividade. Mais perto da paisagem e da mutação, como se testemunha em Jardim desde o Começo de Igor Reis. Contudo, no modelar das formas hospitaleiras, a nossa felicidade ou a nossa infelicidade depende de uma única causa, ou seja, a qualidade do objeto ao qual nos ligamos por amor¹, mas não só, e também da vontade seguinte.

BIBLIOGRAFIA

DERRIDA, Jacques; DUFOURMANTELLE, Anne. Da hospitalidade. Tradução de Antonio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.

HARAWAY, Donna J. Viver com o problema: fazer parentes no Chthuluceno. Tradução de Suzana Machado. São Paulo: Ubu Editora, 2024.

LÉVINAS, Emmanuel. De outro modo que ser ou para lá da essência. Tradução de José Luis Pérez e Lavínia Leal Pereira. Lisboa: CFUL-Centro de Filosofia e da Universidade de Lisboa, 2011.

LLANSOL, Maria Gabriela. O Senhor de Herbais. Lisboa: Relógio D'Água, 2002

¹ LLANSOL. Maria Gabriela. O Senhor de Herbais. 2002. pp. 74



Série Habitáveis
Simbiose #28
Cerâmica 1150 ° C
60 x 34ø cm
2025



Série Habitáveis
Simbiose #28
Cerâmica 1150 ° C
60 x 34ø cm
2025



Série Habitáveis
Simbiose #26
Cerâmica 1150 ° C
40 x 37ø cm
2025



Série Habitáveis
Simbiose #20
Cerâmica 1150 ° C
49 x 23ø cm
2024



Série Habitáveis
Simbiose #23
Cerâmica 1150 ° C
57 x 32ø cm
2025



Série Habitáveis
Simbiose #16
Cerâmica 1250 ° C
49 x 24ø cm
2024



Série Habitáveis
Simbiose #26
Cerâmica 1150 ° C
40 x 37ø cm
2025



Desenvolvida em atelier aberto com os participantes:

Ana Pereira | Ana Reis | Bernardo Henrique | Bernardo | Cléo Rosário |
Eyshila Stephane | Henrique Pereira | João Pedro | Lívia Pereira | Lucas
Procópio | Marina Alleluia | Nayara Porto | Pablo Henrique | Ramon Vieira
| Richard Vieira | Riquelme Rodrigues | Silvia Alves | Tiago Reis | Victor
Hugo | Yago Silva

Série Habitáveis

Simbiose #38

Cerâmica 1150 ° C

149 x 49 x 35cm

2025



Série Habitáveis
Simbiose #03
Cerâmica 1250 ° C
49 x 24ø cm
2024



Série Habitáveis
Simbiose #18
Cerâmica 1250 ° C
49 x 24ø cm
2024



Série Habitáveis
Simbiose #17
Cerâmica 1250 ° C
61 x 26ø cm
2023



Série Habitáveis
Simbiose #15
Cerâmica 1250 ° C
30 x 29ø cm
2024



Série Habitáveis
Simbiose #24
Cerâmica 1150 ° C
57 x 36ø cm
2025



Série Habitáveis
Simbiose #22
Cerâmica 1150 ° C
57 x 36ø cm
2025



Série Habitáveis
Simbiose #14
Cerâmica 1150 ° C
50 x 20cm
2023



Série Habitáveis
Simbiose #33
Cerâmica 1150 ° C
78 x 20ø cm
2025



Série Habitáveis
Simbiose #27
Cerâmica 1150 ° C
43 x 35ø cm
2025



Série Habitáveis
Simbiose #25
Cerâmica 1150 ° C
22 x 24cm
2025



Série Habitáveis

Simbiose #30

Cerâmica 1150 ° C

42 x 34 x 33cm

2025



Série Habitáveis

Simbiose #29

Cerâmica 1150 ° C

57 x 34 x 21cm

2025



Série Habitáveis
Simbiose #32
Cerâmica 1150 ° C
34 x 34 x 21cm
2025

SOBRE O ARTISTA



Igor Reis é artista visual e professor formado pela Escola Guignard - UEMG, com habilitação em Escultura e Cerâmica. Desenvolveu pesquisas na Índia e na China e participou de diversas exposições, projetos e residências no Brasil e no exterior, incluindo bienal de cerâmica China, Sesc Palladium, Museu Nacional da República, além das residências desenvolvidas no Kaaysá Art Residency-SP, Uncool Artist NY/BR, Labfront MG. Atuou na área educacional em instituições como Inhotim e Casa Fiat de Cultura, Undió, e foi aluno, professor e coordenador da área de artes visuais da Escola Livre de Artes Arena da Cultura, em Belo Horizonte.

Suas proposições em arte tem criado espaço para possíveis aproximações colaborativas entre objetos de arte e formas de vida não-humanas. Nos últimos anos, tem se dedicado à investigação acerca das relações entre esculturas cerâmicas e abelhas nativas brasileiras, articulando processos com seres vivos e seus territórios. Vive e trabalha em Nova Lima (MG).

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

- 2025 - Jardim desde o começo - Parque Natural Municipal Rego dos Carrapatos - Nova Lima/MG
- 2016 - Galeria Ivan Marquetti, "U.S.O". Curadoria Flaviano Souza. Ouro Preto - MG
- 2014 - Galeria de Arte do Banco Central - "Vannakam" da Índia à China, BH-MG

RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS

- 2025 - Residência Artística - Kaaysá ArtResidence - São Sebastião-SP
- 2024 - Residência ILAP - Laboratório de Práticas Artísticas - Uncool Artist - Brooklyn NY/US. Online
- 2023 - Centro Cultural UFMG - Residência arte Ciência e Tecnologia - LABFRONT 8 - JUN/JUL BH-MG
- 2017 - JA.CA Center / ERNESTO, Almeida Centro de Inspiração. Ocupação, Jun/Dez, BH-MG
- 2012 - Edify Art Galery, - "Sons" - Ranipet-Tamil Nadu - India

PRINCIPAIS EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- 2025 - Teor Mineral - Circuito Cultural Praça da Liberdade - Escola de Design - UEMG
- 2023 - EmMeio#15 - XenoPaisagens - Museu Nacional da República - Brasília/DF
- 2023 - PANORAM4 - Centro cultural da UFMG - Curadoria do Dr. Pablo Gobira - BH/MG
- 2022 - Narrativas têxteis - Galeria da Escola de Design - UEMG- BH-MG
- 2020 - IX Salão de Arte de Itabirito. Curadoria de José Carlos de Oliveira - Itabirito-MG.
- 2019 - Galeria de arte Mama Cadela, "40 x 40". Curadoria de Sérgio Vaz - BH-MG.
- 2019 - Grande Hotel Ronaldo Fraga, "Artigo 5º - Ode á Liberdade". Curadoria Léo Brizola - BH-MG.
- 2019 - Ponteio Lar Shopping, "A dança das cadeiras". Curadoria Hogenério - BH-MG.
- 2018 - Arena da Cultura 20 Anos - "Banquete Antropófago" - Curadoria Wilson de Avellar. BH/MG.
- 2017 - SESC Palladium - Projeto parede, "Cesárea", BH-MG.
- 2017 - JA.CA Center / ERNESTO - "Ateliê no prédio", Edifício Almeida, Jun/Dez, BH-MG.
- 2017 - Galeria Fundação Lauro Campos, "A nova arte-política", São Paulo - SP.
- 2016 - Festival de Arte Contemporânea, Casa Camelo, Galpão Paraíso, BH-MG.
- 2016 - Fatura - 2ª edição, Galpão Paraíso. Curadoria Léo Brizola BH-MG
- 2016 - Verão Arte Contemporânea 10 Anos - "Ora direis ouvir estrelas"- Parque Municipal - BH-MG
- 2015 - Sesc Montes Claros - Projeto Parede, "Lugar de Pouso"-MG
- 2014 - Palácio das Artes - Galeria Mari'Stella Tristão - Leilão 1,99 - Piolho Nababo - BH-MG.
- 2013 - Nibang Art Gallery, "Porta #13" Chengdu, Sichuan - China.
- 2013 - Nibang Art Gallery, "O Curador", Chengdu, Sichuan - China.
- 2013 - Western China Ceramic Art Biennale, 3ª Ed, Luo Dai, Sichuan-China.
- 2012 - Ammoor District, "Porta #12" - Ranipet, Tamil Nadu - India.
- 2011 - Ciclo de Intervenções Urbanas Undió, Nessa rua tem um rio 3ª ed, "Multidões", BH- MG.
- 2010 - Ciclo de Intervenções Urbanas Undió, Nessa rua tem um rio, 2ª ed, "Porta #3" - BH/MG.
- 2010 - Ciclo de Intervenções Urbanas Undió, Nessa rua tem um rio, 1ª ed, "Porta #2" - BH/ MG.
- 2008 - Galeria de Arte Escola Guignard -"Auto-Retrato". Curadoria: Inês Antonini e Lorena Dark.
- 2008 - Mostra Cachoeirinha, Casa Ocupada - curadoria Solange Pessoa. BH - MG.
- 2004 - Centro Cultural da UFMG - Mostra Arena da Cultura - "Mascaras" - Curadoria Rui Santana.



www.igorreis.art.br



igorreis.arte@gmail.com



[@igor.reis.art](https://www.instagram.com/igor.reis.art)

Nova Lima, Minas Gerais

21 de Setembro 2025 a 21 de Janeiro de 2026

Concepção e coordenação:

Igor Reis

Texto

Wilson de Avellar

Artistas Assistentes:

Marina Alleluia

Silvia Alves

Fotografia e Projeto Gráfico:

Messias Mendes

Montagem:

Geraldo Peixoto

Agradecimentos:

À minha esposa, Cíntia Quaresma,
aos meus filhos, Tiago e Ana Reis,
à minha mãe e pai, Janete e Fernando,
pelo amor, pelo apoio e pela presença que
sustentam este trabalho ao longo dos anos.

Às pessoas que atuaram diretamente na realização deste projeto, compartilhando
tempo, trabalho e energia:

Ana Pereira, Bernardo, Bernardo Henrique, Cléo Ramos, Cléo Rosário, Eyshila Stephane,
Gabriel Coutinho, Geraldo Peixoto, Gislene Santos, Henrique Pereira, Isadora Silva, João
Pedro, Lívia Pereira, Lourdina Rabieh e Tony, Lucas Procópio, Lúcio Vermelho, Marina
Alleluia, Maura Coutinho, Messias Mendes, Nayara Porto, Otávio Freitas, Pablo Henrique,
Ramon Vieira, Richard Vieira, Riquelme Rodrigues, Silvia Alves, Tarcísio Ribeiro, Victor
Hugo, Walter Arcela, Wilson de Avellar e Yago Silva.

Aos moradores do Bairro Vila Industrial, aos funcionários do Parque Natural Municipal
Rego dos Carrapatos, aos funcionários da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e da
Secretaria Municipal de Cultura de Nova Lima, pelo apoio, acolhimento e colaboração ao
longo deste processo.

Aos amigos e a todas as pessoas que, ao longo dos anos e de diferentes maneiras,
contribuíram para a realização desta série e desta exposição — vocês sabem quem são.
Minha profunda gratidão pela presença, pelo apoio e pelas trocas ao longo do caminho.

Apoio:



Realização:



MINISTÉRIO DA
CULTURA



ESTE PROJETO FOI REALIZADO COM RECURSOS DO GOVERNO FEDERAL REPASSADOS
POR MEIO DA LEI COMPLEMENTAR Nº 195/2022 - LEI PAULO GUSTAVO

